

Moisés Rocha Farias
Francisca Evanice Mourão Lima de Sousa¹

Resumo

O diálogo como recurso, instrumento ou algo, metodológico é significativo na interação entre os indivíduos e viabiliza a manifestação de pensamentos de maneira linear. Desse modo, o diálogo é enfatizado neste artigo como elemento de aprendizagem no ensino de Filosofia, pois acredita-se na influência da comunicação como importante meio para o êxito no processo de aprendizagem, além de contribuir para formação crítica, reflexiva e libertadora. Os autores que respaldam tal estudo são Alro e Skovsmose (2010), Freire (1987 e 1996), Goulart (1987) e Morin (2003). Destaca-se, além da relação do diálogo com o ensino e a aprendizagem, o ensino de Filosofia e a aprendizagem dialógica, ressaltando sua importância e fragilidade. O estudo apresenta o aspecto de emancipação decorrente do diálogo, o qual ultrapassa os limites de uma simples conversação. Tal característica visa, na sua essência, a aprendizagem, que tem como fundamento a investigação, proporcionando o conhecimento e novas experiências através de uma mente reflexiva e questionadora, resultante do exercício filosófico. Por meio deste estudo sugere-se, uma prática dialógica no âmbito do ensino de Filosofia, pois é notório seu caráter interrogativo e problematizador. O estudo ratifica o papel preponderante do diálogo no processo de aprendizagem, o qual confere sentido a assuntos, sejam eles de natureza individual ou social, partindo da reflexão, ação e construção do conhecimento.

Palavras-chave: Aprendizagem; Diálogo; Filosofia.

Abstract: DIALOGUE AS A LEARNING ELEMENT OF PHILOSOPHY IN HIGH SCHOOL

Dialogue is significant in the interaction between individuals, enables the manifestation of thoughts in a linear way. Thus, dialogue is emphasized in this article as a learning element in the teaching of philosophy, as it is believed in the influence of communication, as a way to achieve success in learning, and contribute to critical, reflexive and consequently liberating formation. The authors supporting this study are Alro and Skovsmose (2010), Freire (1987) and (1996), Goulart (1987) and Morin (2003). It stands out beyond the relationship of dialogue with teaching and learning, the teaching of philosophy and dialogical learning,

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE e Doutorando em Filosofia pela Universidade do Minho - Portugal.

² Graduada em Licenciatura Plena em Filosofia, Especialista em Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia e Especialista em Educação Pobreza e Desigualdade Social pela UFC. Professora de Filosofia em exercício na rede estadual de Ensino Médio.

emphasizing its importance and fragility. The study configures the emancipation aspect resulting from the dialogue, which goes beyond the limits of a simple conversation, because it aims essentially at learning, which is based on research that will provide knowledge and new experiences through the reflective and questioning aspect resulting of the philosophical exercise. Through this study, it is suggested, a dialogical practice within the teaching of philosophy, because it is notorious its interrogative and problematizing character. The study ratifies the preponderant role of dialogue in the learning process, which gives meaning to subjects, whether individual or social, based on reflection, action and knowledge construction.

Keywords: Learning; Dialogue; Philosophy.

RESUMEN: EL DIÁLOGO COMO ELEMENTO DE APRENDIZAJE DE LA FILOSOFÍA EN LA ESCUELA SECUNDARIA

El diálogo es significativo en la interacción entre los individuos, permite la manifestación de los pensamientos de forma lineal. Por lo tanto, el diálogo se enfatiza en este artículo como un elemento de aprendizaje en la enseñanza de la filosofía, ya que se cree en la influencia de la comunicación, como una forma de lograr el éxito en el aprendizaje y contribuir a la formación crítica, reflexiva y, en consecuencia, liberadora. Los autores que apoyan este estudio son Alro y Skovsmose (2010), Freire (1987) y (1996), Goulart (1987) y Morin (2003). Se destaca más allá de la relación del diálogo con la enseñanza y el aprendizaje, la enseñanza de la filosofía y el aprendizaje dialógico, destacando su importancia y fragilidad. El estudio configura el aspecto de emancipación resultante del diálogo, que va más allá de los límites de una conversación simple, porque apunta esencialmente al aprendizaje, que se basa en una investigación que proporcionará conocimiento y nuevas experiencias a través del aspecto reflexivo y cuestionante resultante del ejercicio filosófico. A través de este estudio, se sugiere, una práctica dialógica dentro de la enseñanza de la filosofía, porque es notorio su carácter interrogativo y problematizador. El estudio ratifica el papel preponderante del diálogo en el proceso de aprendizaje, que da sentido a los sujetos, ya sean individuales o sociales, en función de la reflexión, la acción y la construcción del conocimiento.

Palabras clave: Aprendizaje; Diálogo; Filosofía

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda a importância da prática dialógica nas aulas de Filosofia, a qual ressalta o papel relevante do diálogo na construção do conhecimento e na formação do senso crítico e reflexivo, considerando a ação alienadora que alguns indivíduos exercem sobre outros, desprovidos da prática questionadora, reflexiva e problematizadora. Assim, esse estudo se justifica pela notória premência em lograr o objetivo primordial da Filosofia no Ensino Médio, desenvolver a autonomia intelectual e o pensamento crítico, conforme preveem as Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas Tecnologias, 2006.

Nesse contexto, temos por objetivo pensar a potencialidade da atividade dialógica na relação entre professor e estudantes, principalmente nas aulas de Filosofia. Busca-se apresentar, também, argumentos que levem o docente a refletir sobre a formação do conhecimento significativo dos discentes, problematizando a prática pedagógica exercitada na escola e visando proporcionar uma aprendizagem de qualidade, sólida e efetiva, capaz de formar cidadãos ativos e comprometidos com a transformação positiva do sistema social vigente.

Atualmente, existe um vasto acervo bibliográfico que discorre sobre diálogo em sua essência, ressaltando a etimologia e sua influência no processo de aprendizagem. Autores, como Alro e Skovsmose (2010), Freire (1987) e (1996), Goulart (1987) e Morin (2003), possuem pesquisas relevantes que evidenciam a influência positiva que o diálogo exerce sobre o processo de ensino-aprendizagem, mostrando o quão é indispensável sua prática na relação professor-estudante, ou vice-versa, agindo como elemento mediador da libertação do cárcere da passividade, da ignorância e da opressão.

Paralela a essas considerações, em vista de não transformar o ensino de Filosofia em uma mera transmissão de informações, repetição de conceitos e pensamentos de outros, acredita-se ser relevante ter ciência das finalidades da educação, da qual a Filosofia faz parte. Assim, pensamos como Morin (2006, p. 65) quando diz: “A educação deve contribuir

para a autoformação da pessoa, ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver e ensinar como se torna cidadã”. Sendo assim, é necessário estabelecer elementos que propiciem a efetivação de uma educação de qualidade e que preze por uma aprendizagem significativa, ou seja, que o estudante, a partir do diálogo proposto na sala de aula, perceba a oportunidade de se afirmar como sujeito e reconheça as particularidades do seu contexto nos aspectos suscitados, conforme os temas propostos.

2. DO DIÁLOGO

Considerando o pensamento antigo, de forma significativa até Aristóteles, é possível perceber, de acordo com Abbagnano (2007), que o diálogo não é apenas uma das maneiras de se expressar o discurso filosófico, mas, sobretudo, uma forma privilegiada, pois assim o filósofo estende para além de si, o perguntar e responder, promovendo a união daqueles que manifestam interesse comum na busca pela sabedoria. Esse aspecto de união na busca caracteriza a concepção dos gregos acerca do diálogo no período clássico. Nesse contexto, é compreensível a atitude de valorização que Sócrates emprega na prática de conversação com amigos e discípulos, a qual consolida a superioridade do diálogo como forma literária presente nas obras de Platão.

O diálogo é, em suma, uma conversação entre pessoas, na qual trocam-se idéias, com o intento de chegar-se a um bom entendimento, partindo da análise de um problema comum, configurando assim um processo colaborativo de investigação e reconhecimento do outro como detentor de saber. Dessa forma, torna-se atitude necessária para sua efetivação, afinal Paulo Freire indica o amor como fundamento do diálogo.

Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há, amor que a infunda. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação. Nesta, o que há é patologia de amor: sadismo em quem domina; masoquismo nos dominados. Amor, não, porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que

estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. (FREIRE.1987, p. 45)

É natural aos seres humanos o potencial da comunicação, que tem na fala um meio de se realizar, passando a ter, conseqüentemente, uma função social. Assim como discorre FREIRE (1987, p. 44) "Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão". Com base nessa ótica, percebemos que o diálogo proporciona, através da palavra, a interação e as manifestações humanas, possibilitando acordos e mudanças entre os sujeitos que dialogam, além do compartilhamento dos saberes através da ação mútua e respeito ao conhecimento do outro e reconhecimento como sujeitos de sabedoria.

Compreendemos que o diálogo ultrapassa a simples prática de encontro de pessoas que conversam, já que viabiliza a compreensão e o acolhimento do outro. Essas características o distinguem do ato de debater ou discutir, conforme Freire (1987), no caso, antagônicos à prática dialógica, pois na discussão/debate busca-se convencer, demarcar posições, defender ideias, persuadir, confrontar, entre outros aspectos. Contrapondo-se, o diálogo configura-se pela cooperação e compartilhamento de ideias, além do aspecto questionador que emerge da pluralidade dessas. Por conseguinte, visa estabelecer relações em face das questões abertas.

Para a efetivação do diálogo é imprescindível que as pessoas percebam que são conhecedoras de saberes e que estes são diferentes e valiosos. FREIRE (1987) afirma que ninguém sabe tudo, assim como não há ninguém que não saiba nada. Ele ressalta que há saberes diferentes, essenciais para a interação no mundo, pois acredita que nos educamos no convívio com as outras pessoas em comunidade, compartilhando saberes, conquanto cada pessoa é mestre no que faz, como o agricultor é mestre na prática de cultivar, embora seja ignorante em outras práticas. A humildade conduz a este reconhecimento, que faz das pessoas aprendizes de outros saberes.

Só através do convívio com as pessoas, em grupo, cooperando uns com os outros, pode-se desenvolver

uma relação de confiança, fundamental para o reconhecimento das pessoas como sujeitos dialógicos, capazes de juntos transformarem a realidade na qual estão inseridos, partindo da mudança em suas próprias atitudes, as quais são determinantes para a tão esperada mudança social. Para isso, é necessário ter consciência de que não existe ninguém melhor do que ninguém, mas pessoas que interagem, aprendem e compartilham saberes, enfim, dialogam. No entanto, é fundamental considerar aspectos essenciais, como a confiança, para o desenvolvimento do diálogo, conforme orienta Freire.

Não há também, diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens. A fé no homem é um dado a priori do diálogo. O homem analógico tem fé nos homens antes de encontrar-se frente a frente com eles. Esta, contudo, não é uma ingênua fé. O homem dialógico, que é crítico, sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em situação concreta, alienados, ter este poder prejudicado. Esta possibilidade, porém em lugar de matar no homem dialógico a sua fé nos homens, aparece a ele pelo contrário, como um desafio ao qual tem de responder. (FREIRE.1987, p. 46)

Para que se estabeleça uma profunda fé e confiança no poder de transformação dos seres humanos é imprescindível que cada pessoa se perceba como o outro, ou seja, se veja tão humano quanto qualquer indivíduo. Esta postura tem, como fundamento, a sensibilidade de perceber os fatos, a realidade e as pessoas como se apresentam, sem os preconceitos que impossibilitam a transformação, a manifestação do pensamento e, conseqüentemente, o diálogo. Por conseguinte, é essencial à consciência que a transformação só se efetive através da ação coletiva e organizada, a qual ratifica o indispensável exercício da reflexão e a ação, pensar e agir.

Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros "isto", em quem não reconheço outros eu? Como posso dialogar, se me sinto participante de um "gueto" de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão de fora são "essa gente" ou são "nativos inferiores"? Como posso dialogar, se parto de que a pronúncia do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua

deterioração que devo evitar? Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela? Como posso dialogar se temo a superação e se, só em pensar nela, sofro e definho? (FREIRE, 1987, p. 46)

Não podemos, desse modo, no ato dialógico, temer a aproximação com o outro, pois somos seres sociais por essência. E só em contato direto com o outro que o diálogo se desenvolve. No entanto, a atitude de aproximação se torna inviável em face da existência de alguns bloqueios, assim como a ausência das expressões de sentimentos como o cuidado e a amorosidade, que proporcionam ao sujeito olhar o outro como semelhante. O estímulo ao sentimento de separação do eu e do outro, ou seja, do individualismo, em detrimento da coletividade, também configura o conjunto de bloqueios que impossibilitam o contato entre as pessoas.

Neste sentido, o contato com o outro se manifesta nos seres humanos como uma necessidade, uma exigência inerente à existência humana, com o intuito de promover transformações e intervenções. No entanto, segundo FREIRE (1987, p. 47), “Se o diálogo é o encontro dos homens para ser mais, não pode fazer-se na desesperança. Se os sujeitos do diálogo nada esperam do seu que fazer, já não pode haver diálogo. O seu encontro é vazio e estéril. É burocrático e fantasioso”. É assim evidente o aspecto interventor do diálogo entre as pessoas comprometidas com o coletivo, que cooperam entre si, que esperam da reflexão promovida pelo diálogo uma ação consciente e libertadora.

3. DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM DIALÓGICOS

O ensino dialógico³ tem o intento de tornar-se não apenas possível, mas sem dificuldades, agradável e oportuno, tendo como fundamento o diálogo, que acreditamos ter o potencial necessário para nos conduzir ao êxito na aprendizagem. Segundo

GOULART (1987, p. 15) “O ensino deve ser um elemento facilitador do desenvolvimento e não um entrave a ele ou um processo dele divorciado”. Desse modo, o diálogo se torna uma ferramenta verdadeira e facilitadora do processo do ensino-aprendizagem, no qual se tem como prioridade o estudante, na medida em que é oportunizado um espaço para construção e reconstrução do conhecimento através do compartilhamento de experiências e saberes.

É essencial a ênfase direcionada à prática do ensino, com o intuito de corrigir práticas de docentes que as vezes, tomados pela ansiedade em ensinar, não esperam que os estudantes percorram o caminho da busca pelo conhecimento e que o direciona a aprendizagem, sendo esse processo de pesquisa, reflexão, diálogo e construção indispensáveis para a solidificação e significância da aprendizagem. É notória existência, nos ambientes educacionais, de professores que têm como característica pedagógica a transmissão dos conteúdos, ratificando a concepção de que os estudantes são meros receptores de informações, passivos e acomodados.

A ideia de ensino e aprendizagem dialógicos existe desde a antiguidade, estando integrada ao vocabulário de diversas correntes de pensamento, como as filosóficas, epistemológicas e antropológicas, sendo atribuídas ao diálogo diversas interpretações. Do mesmo modo, é conceituado por inúmeros educadores, como Paulo Freire, que acreditava ser o diálogo uma exigência humana e política. Por conseguinte, é indispensável para a aprendizagem, por ter um aspecto construtivo não restrito, unicamente ao conhecimento, mas com significativa importância na construção das relações entre pessoas.

Sócrates, filósofo grego do século V a.C., desenvolveu o método dialético⁴ com base em sua descoberta acerca da essência do homem, que ele acreditava ser a alma *psyché*⁵. No conceito de

3. Paulo Freire é considerado o autor mais importante da educação do século XX, desenvolveu em sua obra de 1970, *Pedagogia do Oprimido* (1987), a ideia de ensino dialógico, no qual o diálogo é o processo básico para a aprendizagem e conseqüentemente a transformação da realidade. Essa proposta freiriana consiste na construção de uma atitude de diálogo, que fomenta a curiosidade epistemológica e a recriação da cultura (Freire, 1996).

4. A dialética Socrática funda-se em dois momentos. 1) Ironia: momento crítico-negativo, no qual as opiniões e os preconceitos, do interlocutor são submetidos à crítica através da confutação do seu presumido saber. 2) Maiêutica: momento construtivo-positivo no qual o interlocutor é conduzido a adquirir consciência da verdade que ele traz em si sem saber, enquanto a verdade não pode ser dada “de fora” ao homem, mas brota da sua consciência, onde já é virtualmente (CAROTENUTO, 2009, p.18).

5. Alma ou Consciência (ABBAGNANO, 2007, p. 813).

Sócrates, a “alma” se apresenta como uma substância específica imaterial, essencialmente distinta do corpo material.

Sócrates crê que a “alma” humana possa chegar a uma verdade certa, universal e compartilhada por todos, se, porém, ajudada ao longo da direção justa da pesquisa. Tal direção e constituída pelo método dialético, um verdadeiro instrumento de purificação intelectual, visto que o homem não atinge à verdade espontaneamente, mas através de um fadigoso processo de educação, que se constitui por meio de um exercício técnico específico, representado pela arte do discurso ou dialética (CAROTENUTO, 2009, p. 18).

O objetivo de Sócrates, com a dialética, era ajudar as pessoas a descobrirem, nelas mesmas, o conhecimento, pois ele acreditava que todas as pessoas já nasciam com ele, conforme Corotenuo (2009). Para Sócrates, só o conhecimento que vem da alma é capaz de revelar a verdade, e atribuía ao filósofo a tarefa de ajudar as pessoas a chegarem à verdade através da razão.

Sócrates costumava iniciar uma discussão sobre algo com uma pergunta, que obtinha opiniões de seu interlocutor, que ele primeiramente as aceitava. Depois por meio de perguntas e respostas, mostrava o contraditório ou absurdo das opiniões originais, levando ao interlocutor a reconhecer seu desconhecimento sobre o assunto. Esta primeira parte do método de Sócrates destinada a levar o indivíduo à convicção do erro é a ironia. Depois, continuando o diálogo e partindo da opinião primitiva do interlocutor, constrói com o interlocutor o conhecimento daquilo que se discute. Sócrates deu a esta última parte a designação de maiêutica a arte de fazer nascer as ideias. (SELVA. 2015. p. 1)

A ironia do método dialético socrático consiste em mostrar ao interlocutor a insuficiência de suas respostas. Sócrates conduzia, através de suas indagações, o interlocutor à contradição. Tinha como objetivo demonstrar que o conhecimento daquele com que ele conversava era limitado. É que as respostas dos indivíduos, para o Filósofo, são decorrentes de conceitos preestabelecidos e não definições e conceitos buscados.

Subsequentemente, Sócrates conduz o interlocutor ao conhecimento, à verdade, através da discussão e de seu próprio raciocínio, no caso por ele mesmo e não por verdade simplesmente afirmada. Configura-se, desse modo, a maiêutica⁶, termo ao qual, acredita-se, ser em referência a sua mãe, que era parteira.

Na modernidade, estudiosos discorrem sobre o ensino e aprendizagem dialógica, FREIRE (1996, p. 136) “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História”. Percebe-se que ao abster-se do mundo, dos outros, em relação ao estabelecimento de relação e interação, configura-se dessa maneira uma transgressão à essência humana de se aperfeiçoar, de ir além, ou seja, de mudar e interferir, através das relações entre as pessoas.

FREIRE (1996) ressalta que o ensino e a aprendizagem dialógica é uma estratégia, não apenas um simples método pedagógico pois, como estratégia, ela visa o respeito ao saber do educando. Evidencia-se, assim, a necessidade de uma postura humilde, como já pontuamos, para que possamos perceber o outro como detentor de algum saber, decorrente de sua história, a qual deve ser respeitada, principalmente no âmbito escolar, no ambiente de aprendizagem. O saber do educando, desse modo, deve ser enfatizado de maneira fundamental, para que ele se sinta respeitado e seguro, e, assim, possa se estabelecer uma interação, no caso um diálogo.

Me sinto seguro porque não há razão para me envergonhar por desconhecer algo. Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa. Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo. A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por se saber inacabado. Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir para ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. FREIRE (1996, p. 135-136)

⁶ Criado por Sócrates no século IV A.C, a Maiêutica é um método inspirado na profissão de Fenáreta, parteira e mãe do filósofo, que implica no diálogo feito através de múltiplas perguntas com objetivo de dar à luz a uma verdade, um conceito, uma definição geral do objeto em questão. (SANTOS, 2011, p. 7)

O ensino e a aprendizagem dialógica se desenvolvem a partir do contato entre os participantes do diálogo, sendo assim necessária uma cooperação, pois estão criando um conhecimento juntos, a partir de algo em comum, no caso, o diálogo. Além dessa perspectiva, é importante ressaltar outros aspectos fundamentais para o desenvolvimento da aprendizagem, no caso a compreensão. Como afirma GOULART (1987, p. 18), “Uma aprendizagem compreensiva requer que o professor conheça o processo de pensamento do aprendiz, apresente problemas que lhe pareçam interessante e para os quais ele possa oferecer resposta”. Para relacionar o diálogo ao ensino e a aprendizagem, de maneira satisfatória, é necessário ressaltar alguns aspectos referentes à prática dialógica, os quais são determinantes no processo de ensino e aprendizagem, e nos permitirá relacioná-los a esta. Assim, em face dos inúmeros conceitos atribuídos ao diálogo, nos propomos, com base nos estudos realizados por Helle Alro e Ole Skovsmose, caracterizá-lo, partindo dos pressupostos e dos termos ideais para a aprendizagem.

Focaremos três aspectos do diálogo: realizar uma investigação; correr risco e promover a igualdade. Ao enfatizar esses aspectos, conseguimos focalizar com mais facilidade nossa interpretação de diálogo e aprendizagem. Embora pudéssemos defender que realizar uma investigação também faça parte do diálogo que acontece entre uma terapeuta e seu cliente ou numa negociação política, nossa interpretação epistemológica de diálogo. Correr risco é uma forma de expressar a natureza imprevisível dos desdobramentos de um diálogo. Promover a igualdade refere-se a um tipo de relacionamento interpessoal que é essencial para o diálogo”. ALRO e SKOVSMOSE (2010, p. 123)

Não há como negar que o diálogo se assemelha à conversação, ou seja, uma comunicação interativa entre duas ou mais pessoas. No entanto, no diálogo visa-se descobrir, conhecer através da investigação. A intenção é investigar profundamente, mas para iniciar uma investigação é imprescindível que se tenha a mente aberta e tenha curiosidade, abandonando assim a comodidade dos preconceitos e certezas.

A noção de investigação pode estar relacionada com pesquisa e aprendizagem em geral. É possível realizar

uma investigação nos mais diversos assuntos, com o propósito de obter conhecimento. Dessa forma, privilegiar o diálogo significa prestigiar certo tipo de investigação, e esse tipo de investigação tem muito a ver com os participantes, através de seus pensamentos e sentimentos, entendimentos e pressupostos a respeito das coisas, das ideias e das possibilidades. No diálogo, é importante explorar as perspectivas dos participantes como fonte de investigação. É importante também estar disposto a abrir mão de uma perspectiva para construir outras. ALRO e SKOVSMOSE (2010, p. 125)

Expor uma perspectiva a questionamentos faz parte do processo dialógico. Se as perspectivas forem expostas no decorrer do diálogo como inquestionáveis, inviabilizam-se o diálogo e a aprendizagem. Ressalta, ainda, ALRO E SKOVSMOSE (2010, p. 126) que: “Para que o professor participe de um diálogo em sala de aula, ele não pode ter respostas prontas para problemas conhecidos; ter curiosidade a respeito do que os alunos fariam e estar disposto a reconsiderar seus entendimentos e pressupostos”. Essas atitudes geram um ganho para o professor, pois este terá a oportunidade de estabelecer um processo cooperativo com os estudantes, no que se expressaram. Contudo, é necessário deixar claro as bases e as variáveis das questões suscitadas, com vistas à manutenção do diálogo e evitar, assim, que os argumentos sejam fundamentados em caráter relativo.

Um diálogo é algo imprevisível. Não há respostas prontas, conhecidas de antemão, para os problemas. Elas surgem através de um processo compartilhado de curiosa investigação e reflexão coletiva, com o propósito de obter conhecimento. Imprevisibilidade significa o desafio e experimentar novas possibilidades. ALRO e SKOVSMOSE (2010, p. 128)

A princípio, a ideia que se tem de risco no diálogo parece negativa, desconfortável, pelo fato de estarmos expondo nossas ideias, aquilo que acreditamos, compartilhando sentimentos e pensamentos. No entanto, segundo ALRO e SKOVSMOSE (2010, p. 128), “Isto torna os participantes abertos à investigação e à aprendizagem, mas essa abertura os deixam, ao mesmo tempo, vulneráveis”. Contudo, esses aspectos que caracterizam a prática dialógica são,

aparentemente, vulneráveis, essenciais ou de risco. Embora represente aspectos positivos e negativos, consideramos imprescindível o estímulo a comunicação investigativa, ou seja, o diálogo. O risco no processo dialógico não deve ser removido, embora seja essencial estabelecer um ambiente de aprendizagem, em que haja o respeito, e a confiança.

Por conseguinte, é fundamental ter a consciência da impossibilidade de haver diálogo com base na força ou no medo, principalmente em sala de aula. Da mesma forma, não é possível provocar um desconforto exagerado, pois os estudantes podem se sentir frustrados e impotentes diante de uma investigação. Como afirma ALRO e SKOVSMOSE (2010, p. 131-132), “Participar de um diálogo é algo que não deve ser imposto. Em sala de aula, isso significa que o professor pode convidar os alunos para um diálogo investigativo, mas eles têm de aceitar o convite para que o diálogo aconteça”. O ato convidativo reflete a noção de igualdade e a aceitação dos estudantes configura o diálogo. No entanto, havendo resistência prévia dos alunos, o diálogo será precedido de uma provocação embasada em situações vivenciadas no cotidiano.

Com base na autoridade, não se pode impor um diálogo de forma alguma. Um diálogo só pode desenrolar-se por meio de suas próprias fontes dinâmicas, pelas perspectivas, emocionais, intenções, reflexões e ações de parceiros em posição as mais igualitárias possíveis. Esse princípio de igualdade é um elemento definitivo da pedagogia de Freire. ALRO e SKOVSMOSE (2010, p. 133)

Partindo da concepção de pedagogia de Paulo Freire, a qual aborda o princípio de igualdade como essencial para o desenvolvimento de um diálogo, é possível inferir que, para pôr em prática o ensino e, conseqüentemente, a aprendizagem dialógica em sala de aula, é necessário superar alguns desafios, sendo fundamental preservar suas próprias fontes dinâmicas, caracterizadas pelos aspectos essencialmente humanitários. Afinal, a preservação e a valorização das virtudes humanas viabilizam o reconhecimento entre professor e estudantes, favorecendo, assim, a instauração de um âmbito igualitário, imprescindível ao desenvolvimento da prática dialógica.

O diálogo o qual apresentamos, fundado na interação verbal, entre os estudantes e os professores, ou seja, no ensino e na aprendizagem dialógica, facilitará a aprendizagem do filosofar, pois um professor de filosofia pode ensinar aos seus alunos a prática do diálogo. É preciso, desse modo, aplicar o diálogo nas aulas de Filosofia. Contudo, essa prática só acontece no processo do convite ao diálogo. Esta é uma das grandes contribuições da Filosofia para o mundo. A possibilidade de trocar ideias, conceitos, noções, palavras e criar, a partir disso, responsabilidades em torno do que dizemos.

4.A PRÁTICA DIALÓGICA NO ENSINO DE FILOSOFIA

O ensino de Filosofia no Brasil foi influenciado pelos acontecimentos que marcaram a história do país e determinaram os rumos da educação, como em 1961, quando da sanção Lei nº 4.024 de 1961, pelo presidente João Goulart, que introduziu uma mudança na estrutura educacional que representava um grau de descentralização do ensino, já que as escolas podiam optar entre vários currículos, além de ter a permissão de anexar disciplinas optativas ao currículo mínimo, proposto pelo Conselho Nacional de Educação. A sanção desta lei definiu que o ensino da Filosofia deixava de ser obrigatório no Ensino Médio. Posteriormente, no apogeu da ditadura militar, no Brasil (1964-1985), o ensino de Filosofia foi categoricamente excluído do currículo escolar, através da Lei nº 5.692 de 1971. Este fato marcou, de modo negativo, o desenvolvimento da Filosofia como disciplina, devido o intervalo instaurado na sua prática, o qual configurou um entrave na sua efetivação na educação básica, embora após a sua exclusão, fosse entendida como conhecimento importante para o exercício da cidadania.

O ensino de Filosofia passou, ainda, por muitas mudanças, passando a se tornar novamente, a partir do ano 2008, disciplina obrigatória do Ensino Médio, através da Lei nº 11.684/08. No entanto, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), sancionada em 1996, por meio da Lei nº 9.394, recomenda, no Artigo 36, o conhecimento da Filosofia como relevante para a formação e o exercício da cidadania, mesmo que ainda não fosse reconhecida como

disciplina na época, o qual veio a dificultar sua reimplantação e consolidação como componente curricular.

Os objetivos da Filosofia, como disciplina no Ensino Médio, são traçados e explícitos nas Orientações Curriculares do Ensino Médio de 2006. Embora, nesse período, ainda não fosse considerada como disciplina obrigatória no currículo do Ensino Médio, já lhe atribuíam tratamento disciplinar, com base nos objetivos deste para formação dos jovens alunos, tendo como fundamento o desenvolvimento da autonomia e do aperfeiçoamento destes como pessoa humana, pautado nos princípios éticos e no pensamento crítico e reflexivo.

O objetivo da disciplina Filosofia não é apenas propiciar ao aluno um mero enriquecimento intelectual. Ela é parte de uma proposta de ensino que pretende desenvolver no aluno a capacidade para responder, lançando mãos dos conhecimentos adquiridos, as questões advindas das mais variadas situações. Essa capacidade de resolver deve ultrapassar a mera repetição de informações adquiridas, mas, ao mesmo tempo, apoiar-se em conhecimentos prévios. Por exemplo, caberia não apenas compreender ciências, letras e artes, mas, de modo mais preciso, seu significado, além de desenvolver competências comunicativas intimamente associadas à argumentação. BRASIL (2006, p. 29)

O ensino de Filosofia fundamentado na reflexão, no questionamento e no pensamento crítico, contribuirá de modo significativo para a compreensão da condição humana, e será desse modo autêntico, como afirma MORIN (2003, p. 54) “A Filosofia não é uma disciplina, mas uma força de interrogação e de reflexão dirigida não apenas aos conhecimentos e à condição humana, mas também aos grandes problemas da vida cotidiana”. Desse modo, caberá ao professor de Filosofia estimular, durante as aulas, a atividade crítica, sendo esta tarefa fundamental no processo de desenvolvimento da consciência acerca dos fenômenos vivenciados por nós cotidianamente.

Em vista de não permitir que o ensino de Filosofia se torne uma transmissão de informações, uma repetição de conceitos e pensamentos de outros, acreditamos ser relevante ter consciência da

importância da educação. Sendo assim, faz-se necessário estabelecer elementos que propiciem a efetivação de uma educação de qualidade, tais como, um clima favorável à aprendizagem, projeto pedagógico de qualidade, qualificação dos colaboradores, atividades extracurriculares, tecnologia como ciência, presença da família na escola e que preze por uma aprendizagem significativa, entre os demais aspectos supracitados. Indicamos a prática dialógica como elemento facilitador no processo de aprendizagem, em vista da formação cidadã, pois o diálogo, além de estabelecer contato, age e produz significado, por meio da linguagem, configurando-se como elemento de aprendizagem no ensino de Filosofia.

A atividade dialógica converge com o objetivo da Filosofia enquanto disciplina, considerando FREIRE (1980), ter como princípio o encontro que culminará com a reflexão e a posterior ação, conseqüentemente consciente, a qual vai evidentemente além de um simples encontro de pessoas que conversam e que trocam ideias, em que um assume uma postura superior em relação ao outro.

A prática dialógica no ensino de Filosofia requer, desse modo, do professor e dos estudantes, para sua efetivação, uma série de competências comunicativas implicadas na leitura, segundo as Orientações Curriculares Do Ensino Médio (2006), caracterizada pela análise, interpretação e reconstrução racional e crítica. Junto a ela outras competências direcionadas ao ensino de Filosofia entende o diálogo, comunicação, como uma técnica, ou seja, uma arte necessária para se ensinar Filosofia no Ensino Médio.

Não podemos mais, contudo, discorrer a respeito da prática dialógica no Ensino Médio sem antes falar de sua importância e de sua fragilidade, entre outros aspectos fundamentais para o êxito no ensino e na aprendizagem dialógica. No caso, percebe-se que esta prática é alicerçada em virtudes indispensáveis, como o empenho, a dedicação e o amor recíproco entre professor e estudantes.

Exige algo que não é mencionado em nenhum manual, mas que Platão já havia acusado como condição indispensável a todo ensino: o Eros, que é, a

um só tempo, desejo, prazer e amor; desejo e prazer de transmitir, amor pelo conhecimento e amor pelos alunos. O Eros permite dominar a fruição ligada ao poder, em benefício a fruição ligada à doação. É e isso que, antes de tudo mais, pode despertar o desejo, o prazer e o amor no aluno e no estudante. Onde não há amor, só há problemas de carreira e de dinheiro para o professor; e de tédio para os alunos. MORIN (2003, p. 101)

Segundo ALRO e SKOVSMOSE (2010, p. 137), “Processos de aprendizagem dialógica acontecem quando conseguimos observar uma variedade de atos dialógicos. No entanto, atos dialógicos são frágeis”. Esta perspectiva é constatada em algumas situações, devido o desconhecimento e da falta de noção do participante do diálogo acerca do assunto, entre outras atribuídas à educação e ao contexto escolar.

É comum observar obstáculos que atrapalham os atos dialógicos e isso nos faz salientar que um diálogo raramente preenche uma conversa inteira, é muito mais momentos ou sequências de uma conversa. Às vezes, trechos dialógicos são tão breves que nem sequer constituem entreatos – mas constituem, sim, trechos que podem levar a aprendizagem dialógica. Devemos estar cientes também que, em um contexto escolar, há muitas razões para o professor assim como os alunos desistirem do diálogo e não agirem dialogicamente. Um professor é responsável pela classe e surgem situações em que ele precisa tomar decisões prontamente. Além disso, o contexto escolar em geral não proporciona um pano de fundo conveniente para uma ação dialógica. ALRO e SKOVSMOSE (2010, p.137-138)

O ensino e aprendizagem dialógica, como constatamos anteriormente, demonstram alguns aspectos que ocasionam fragilidade. No entanto, é notório o potencial positivo do ensino e da aprendizagem dialógicos, aos quais alguns autores, como Paulo Freire se reportam como sendo baseados em qualidades políticas. Por conseguinte, assim como ALRO e SKOVSMOSE (2010, p. 142) “Consideramos que, se a aprendizagem deve apoiar o desenvolvimento da cidadania, então o diálogo deve ter um papel preponderante na sala de aula. Dessa forma, uma teoria crítica da aprendizagem incluiria o diálogo como conceito básico”. Além de

outros conceitos atribuindo a aprendizagem dialógica, como significativa, por ser fundamentada na comunicação e no relacionamento interpessoal.

Considerando as peculiaridades do diálogo, apresentadas e fundamentadas pelos autores citados nesse artigo, é possível inferir que a Filosofia, enquanto disciplina, viabiliza o desenvolvimento do ensino e aprendizagem dialógicos, pois suscita busca pelo conhecimento, indagações, análise, debate, reflexão e, sobretudo, a construção do conhecimento, ou seja, os elementos essenciais para a prática dialógica. Contudo, a Filosofia, na escola, ainda desempenha um papel político, favorecendo a construção da cidadania através da formação do pensamento crítico. Desse modo, o diálogo se apresenta como metodologia eficaz no ensino de Filosofia, emergindo de abordagens contextualizadas que possibilitem o reconhecimento do estudante como sujeito na sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diálogo é um elemento fundamental para o exercício da democracia e efetivação da cidadania nas relações sociais e conseqüentemente no processo de ensino e aprendizagem, pois esse processo não deixa de ter um aspecto social, já que envolve, sobretudo, as pessoas, a socialização e a interação entre os indivíduos. Essas são características essenciais dos seres humanos, de modo que eles aprendem mais em contato com os outros, em sociedade. Formam-se os valores, aprende-se a conviver com as diferenças e a aceitá-las. Assim, quando o ser humano se afasta dos outros, do convívio social, ele perde, de certa forma, sua essência humana, especialmente a comunicação.

Historicamente, o diálogo tem sido um elemento de ensino e aprendizagem, libertador do conhecimento, possibilitando, através de sua prática, o desenvolvimento e o surgimento de novos conhecimentos e, saberes, livres de imposição e de dominação por parte de outros, pois o diálogo tem um aspecto construtivista⁷. Ou seja, no diálogo os

⁷ É a idéia que sustenta que o indivíduo - tanto nos aspectos cognitivos quanto sociais do comportamento como nos afetivos - não é um mero produto do ambiente nem um simples resultado de suas disposições internas, mas, sim, uma construção própria que vai se produzindo, dia a dia, como resultado da interação entre esses dois fatores. Em conseqüência, segundo a posição construtivista, o conhecimento não é uma cópia da realidade, mas, sim, uma construção do ser humano. (CARRTERO, 1997, p. 27)

saberes não são simplesmente transmitidos, mas sim construídos.

Diante do exposto, conclui-se que a ausência da prática dialógica compromete em grande proporção a boa formação cidadã dos estudantes. Além da falta de subsídio suficiente para que, tanto os estudantes quanto o professor possam ter referências satisfatórias para desenvolver um diálogo, de modo, que não há como omitir a necessidade de recursos e técnicas para a efetivação do diálogo como elemento de ensino e aprendizagem.

Com base nas premissas que embasaram este estudo, sugerimos em cunho pedagógico, que seja promovido nas escolas que ofertam o ensino de Filosofia formação aos professores da referida disciplina contemplando alguns pontos, tais como; finalidade da Filosofia, assim como sua função como disciplina; adesão do diálogo como um elemento de ensino e aprendizagem; benefícios da prática

dialógica para a formação crítica e reflexiva do cidadão; análise e reflexão a cerca das diretrizes para o ensino de Filosofia. Além disso, sugerimos as escolas que invistam em projetos que contemple a prática dialógica entre professor e estudantes, em vista de promover a efetivação da aprendizagem dialógica de modo exitoso.

Portanto, acreditamos que a valorização da Filosofia, enquanto disciplina, possibilitará, através do conhecimento de suas peculiaridades, o reconhecimento do diálogo como metodologia de ensino e aprendizagem, com potencial de amplo desenvolvimento do pensamento crítico e da formação cidadã, sendo assim uma das maiores contribuições da Filosofia no Ensino Médio.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Beneditti. - 5ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALRO, Hele; SKOVSMOSE, Oleo. **Diálogo e Aprendizagem em Educação Matemática**. Tradução de Orlando Figueredo. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Brasília: MEC, 2006.

_____. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1961.

_____. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: 11 de agosto de 1971.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: 2 de junho de 2008.

_____. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996.

CARRETERO, Mario. **Construir e Ensinar as Ciências Sociais/hist**. São Paulo: Artmed, 1997.

CAROTENUTO, Margherita. **Histórico sobre as teorias do conhecimento**. Recanto Maestro: Ontopsicologia Editrice, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários á prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOULART, Iris Barbosa. **Piaget: experiências básicas para utilização pelo professor**. 4ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8ª. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SANTOS, Celia. **Maiêutica** – Por uma prática de transformação do jornalista midiaticado. CELACC/ECA-USP 2011.

SELVA, Orlando. **O Método Socrático**. Em: <<http://pt.scribd.com/doc/285117358/O-Metodo-Socratico#scribd>